

## Frederico Garcia Lorca e a Guerra Civil na Espanha

Federico Garcia Lorca and the Spanish Civil War

Michel Goulart da Silva\*

Resumo: Neste ensaio discute-se a trajetória de Lorca em sua relação com a luta republicana e como isso se expressa em sua obra. Procura-se localizar a obra do poeta nos embates travados em torno da guerra civil e, ao final, mostrar como os elementos biográficos do poeta se inserem nesse contexto. Procura-se, com essa discussão, mostrar como a obra de Lorca expressa seu contexto político e social.

Palavras-chave: Frederico Garcia Lorca; República; Franquismo; Guerra Civil.

Abstract: This essay discusses Lorca's trajectory in his relationship with the republican struggle and how this is expressed in his work. The aim is to locate the poet's work in the conflicts surrounding the civil war and, in the end, to show how the poet's biographical elements fit into this context. This discussion seeks to show how Lorca's work expresses its political and social context.

Keywords: Frederico Garcia Lorca; Republic; Francoism; Civil War.

O poeta Frederico Garcia Lorca é um dos mais importantes símbolos da luta republicana da Espanha na década de 1930. Assassinado pela direita franquista em 1936, durante a Guerra Civil, que vitimou outras centenas de milhares de pessoas, Lorca expressou nas suas obras as mazelas de um povo que sofria com a exploração e a repressão das classes dominantes e de seus governantes.

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realiza pós-doutorado no Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas da UFSC. Atua no Instituto Federal Catarinense (IFC).

Nas primeiras décadas do século XX, a Espanha vivia um intenso processo de mudanças sociais e políticas. Desde o século XIX se desenvolvia no país um conjunto de mobilizações que questionavam monarquia. Outro motivo de tensão eram as questões regionais, como a basca e a catalã, e a reivindicação de autonomia por parte dessas populações. Soma-se a isso o crescimento do movimento operário, construindo organizações de representação de classe, como sindicatos e partidos. O historiador Pierre Broué (1992, p. 19) assim descreveu o cenário político e social da Espanha:

O avanço por ela alcançado, na aurora dos tempos modernos, transformou-se em seu contrário, em consequência da perda de suas posições mundiais, consumada no século XIX. A sociedade do antigo regime ainda não terminara de se decompor, quando a formação da sociedade burguesa começou a diminuir a marcha. O capitalismo não teve nem a força nem o tempo de desenvolver até o fim as suas tendências centralizadoras, e o declínio da vida comercial e industrial urbana, ao dissolver os laços de interdependência entre as províncias, reforçou as tendências separatistas cujas raízes mergulham na história mais longínqua da Península.

Esse é o contexto em que se desenvolveu o processo de transformações sociais e políticas na Espanha, colocando em lados opostos os diferentes segmentos republicanos e a extrema direita, o que redundou em uma guerra civil. Lorca vivenciou essas experiências. Sua trajetória pessoal e literária permite conhecer o contexto político, as contradições desse processo político e a guerra civil na Espanha na década de 1930.

Neste ensaio, discute-se a trajetória de Lorca em sua relação com a luta republicana e como isso se expressa em sua obra. Procura-se,

además, localizar o poeta nos embates travados em torno da guerra civil e, ao final, mostrar como os elementos biográficos do poeta se inserem nesse contexto de embates políticos e sociais.

## OS ANOS DE FORMAÇÃO

Federico García Lorca nasceu no dia 5 de junho de 1898, em Fuente Vaqueros, um povoado nas proximidades de Granada. Sua mãe, Vicenta Lorca, era professora e seu pai, Frederico García Rodríguez, era proprietário de terras.

Quando iniciou os estudos universitários, Lorca se mudou para Madri, na primavera de 1919. Na capital da Espanha viveu por dez anos na Residência de Estudantes, onde conheceu o futuro cineasta Luis Buñuel e o pintor Salvador Dalí. O cineasta aragonês, em sua autobiografia, assim se refere a Lorca:

De todas as pessoas que conheci, Federico vem em primeiro lugar. Não falo nem de seu teatro nem de sua poesia, falo dele. A obra-prima era ele. Parece inclusive difícil imaginar alguém comparável. Quer ao piano imitando Chopin, quer improvisando uma pantomima, um esquete teatral, era irresistível. Podia ler qualquer coisa, a beleza sempre jorrava de seus lábios. Ele tinha a paixão, a alegria, a juventude (BUÑUEL, 2013, p. 114).

Nesta época, segundo os biográficos de Lorca, um aspecto que se destaca em Lorca tem relação com a homossexualidade do poeta. Gibson, em biografia escrita sobre o poeta, faz alusão ao contexto homofóbico da época, destacando que, “em razão dos costumes então dominantes na Espanha, a maioria das pessoas com tal orientação

tudo fazia para mascarar seus verdadeiros sentimentos” (GIBSON, 2014, p. 136).

Embora haja poucas informações disponíveis, devido principalmente à discrição do poeta naquele contexto conservador, sabe-se que Lorca teve alguns relacionamentos homoafetivos, expressos inclusive em sua obra. No poema “Pequeno poema infinito”, segundo a interpretação de Gibson (2014, p. 367), Lorca “rejeita a opinião de que o amor heterossexual, em sua natureza reprodutiva e alegada harmonização dos opostos, constitua necessariamente um objeto desejável”. O poema, datado de janeiro de 1930, conta com a seguinte passagem:

Equivocar o caminho  
é chegar à mulher,  
a mulher que não teme a luz,  
a mulher que mata dois galos em um segundo,  
a luz que não teme os galos  
e os galos que não sabem cantar sobre a neve  
(LORCA, 2012, p. 501).

O tema do amor homossexual aparece em um conjunto de poemas conhecidos pelo título *Sonetos de amor obscuro*, possivelmente dedicados a Rafael Rodríguez Rapún, que tinha uma relação com o poeta desde 1932. O livro, escrito por volta de 1935, que “foi produzido em 250 cópias enviadas para proeminentes pessoas do meio literário e cultural espanhol”, não contava com a “identificação dos responsáveis pela sua publicação nem trazia a autoria dos poemas” (NUNES, 2022, p. 10-1).

Embora as informações sejam pouco precisas, é comum que se faça alusão também à paixão do poeta por Dalí, que, segundo o pintor, nunca se concretizou. Segundo Gibson (2014, p. 245),

[...] juntando a evidência das cartas de Dalí para Lorca e a presença do poeta em sua obra nessa fase, podemos razoavelmente concluir que em 1927 Salvador tinha com Lorca um envolvimento emocional muito mais forte do que posteriormente se disporia a admitir.

Entre 1929 e 1930, Lorca se mudou para Nova York, onde viveu como estudante na Universidade de Columbia. Desse intercâmbio são produto os poemas do livro *Poeta em Nova York*, uma de suas obras mais conhecidas. Saindo dos Estados Unidos, depois de uma passagem por Cuba, Lorca retornou à Espanha, em 1930.

Em Madri, na época dos estudos universitários, Lorca escreveu suas primeiras obras. Um dos seus maiores sucessos foi o livro de poemas *Romanceiro gitano*, de 1928. Lorca também se tornou conhecido como renovador do drama no país, escrevendo, nas décadas de 1920 e 1930, peças como *Mariana Pineda*, *Bodas de Sangue*, *Yerma* e *A Casa de Bernarda Alba*.

## POLÍTICA E GUERRA CIVIL

Em 1930 terminou na Espanha a ditadura do general Primo de Rivera, iniciada em 1923. Em meio à polarização entre republicanos e monarquistas, o rei Afonso XIII convocou eleições municipais em abril de 1931. Broué (1992, p. 18-9) define o resultado desse processo eleitoral como um “verdadeiro maremoto”, diante do “comparecimento excepcionalmente elevado”, com “maioria esmagadora para os

republicanos em todas as grandes cidades, e principalmente em Madrid e Barcelona”. Nesse cenário, em que ocorrem manifestações que exigem a instauração da República, o rei abdicou, sendo proclamada a República no dia 14 de abril de 1931. Contudo, esse processo se mostrou cheio de contradições, como se percebe, entre outros elementos, pela composição do governo provisório que assumiu o poder:

Todos são homens de ordem, desejosos de impedir, até de combater, a Revolução, e sua aliança – nessa base negativa – é impotente diante das tarefas da ‘revolução burguesa’ que se impõem à Espanha para sair das suas contradições seculares: o problema da reforma agrária, a questão das nacionalidades, as relações entre Igreja e o Estado, o destino do aparelho burocrático do exército da monarquia que é confiado ao único homem novo dessa equipe, o republicano de esquerda Manuel Azaña (BROUÉ, 1992, p. 33).

Em setembro de 1933 foram convocadas novas eleições. Por consequência de uma significativa abstenção, impulsionada pela CNT, de influência anarquista, e ancorada na frustração de grande parte das massas trabalhadoras com o governo, a coalizão de direita, formada pela Confederação Espanhola de Direita Autônoma (CEDA), simpática ao fascismo, e pelos republicanos de direita, obteve a maioria. Iniciava-se assim o período conhecido como “Biênio Negro”, entre 1933 e 1935. Nesse contexto, além dos anarquistas, também atuavam outras organizações operárias, como o Partido Comunista Espanhol (PCE), ligado à política da União Soviética, e o Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), inicialmente vinculado à corrente trotskista.

Os trabalhadores seguiram se mobilizando e organizando a resistência contra o avanço da direita, destacando-se, entre outras, a luta nas Astúrias, onde se concentrava um forte proletariado mineiro. Naquela região, se deu um dos mais importantes antecedentes do processo político pelo qual passava a Espanha:

A revolução asturiana de outubro de 1934 foi uma das grandes antecessoras da revolução espanhola. Armados com cartuchos de dinamite e sob a consigna ‘Uni-vos, Irmãos Proletários’ (UHP), os mineiros tomaram o controle da região, incluída a capital, Oviedo. Resistiram durante duas semanas e estabeleceram seu próprio governo operário, a comuna asturiana. Mas a revolução ficou isolada e terminou esmagada pelo exército, que recorreu às tropas mouras do Marrocos colonial espanhol. A repressão foi implacável: mais de 3 mil trabalhadores mortos, 7 mil feridos e 40 mil encarcerados (REY, 2016, p. 63).

A Europa vivia sob a sombra dos regimes fascista na Itália e nazista na Alemanha. Além disso, a União Soviética, sob Stalin, procurava a manutenção de seus próprios interesses em negociações com as potências imperialistas, construindo em governos com diferentes setores políticos, como o fez na Espanha.

Em 1936, uma aliança de socialistas, comunistas e republicanos burgueses ganhou as eleições, dando início ao governo da Frente Popular. Esse bloco eleitoral defendeu como base de um programa mínimo o “retorno à política religiosa, educacional e regional dos primeiros dois anos da República; reforma agrária mais rápida e mais eficiente; e anistia imediata para os 30 mil presos políticos ainda na cadeia em razão dos acontecimentos de 1934” (GIBSON, 2014, p. 551). O programa do bloco, ainda que moderado, “reconhecia a exi-

gência de uma anistia política, muito desejada pela população trabalhadora” (MONPÓ MARTINEZ, 1994, p. 155).

Em julho de 1936, ocorreu um levante militar das forças da direita contra a República. O golpe “começou no dia 17 de julho de 1936 entre oficiais do exército colonial sediados no Marrocos, no Norte da África. Um dia depois, a rebelião espalhou-se para a Espanha continental na forma de sublevações de tropas das províncias” (GRAHAM, 2013, p. 32). Essa rebelião “destruiu a estrutura do comando do exército, deixando o governo de Madri sem tropas e sem saber quais oficiais podia confiar” (GRAHAM, 2013, p. 32). Os trabalhadores reagiram, dando início a uma situação de duplo poder. O cenário foi assim descrito por um historiador:

Na noite de 20 de julho, salvo algumas exceções, a situação se aclara. Ou os militares venceram, e as organizações operárias e camponesas são proibidas, seus militantes aprisionados e abatidos, a população trabalhadora submetida à mais feroz dos terrores brancos. Ou a sublevação militar malogrou, e as autoridades do Estado republicano foram varridas pelos operários que travaram combate sob a direção das suas organizações reagrupadas nos ‘comitês’ que se atribuem, com o consentimento e o apoio dos trabalhadores em armas, todo o poder, e lutam pela transformação da sociedade. A iniciativa da contrarrevolução desencadeou a revolução (BROUÉ, 1992, p. 76-7).

Portanto, apesar das iniciativas de organização e da luta dos trabalhadores, o levante armado da direita não foi totalmente subjogado, vencendo em boa parte da Espanha e se beneficiando da ajuda externa que havia conseguido durante o período de preparação, especialmente dos governos alemão e italiano. Entre os republicanos da Espanha havia, em particular, a esperança de apoio por parte da

França, onde havia assumido um governo que tinha a participação de partidos de esquerda, em 1936. Contudo, essa esperança logo se esvaiu. Essa perda de esperança foi assim narrada por Buñuel (2013, p. 116):

A não intervenção da França e das outras potências democráticas nos paralisava. Embora Roosevelt tivesse se declarado a favor da República espanhola, cedia às pressões dos católicos americanos e não intervinha, como tampouco Léon Blum, na França. Nunca esperamos uma intervenção direta, mas nos atrevíamos a pensar que a França autorizaria transportes de armas e até mesmo incursões de ‘voluntários’, como fizeram do outro lado a Alemanha e a Itália. O curso da guerra teria sido bem diferente.

Essa postura do governo de Leon Blum também foi explicada por Broué (1992, p. 84):

[...] dentro do próprio governo de Frente Popular, os ministros radicais, representantes da burguesia e porta-vozes dos comandantes do Exército, se opõem com vigor a toda intervenção que pudesse significar uma ajuda indireta a uma revolução denunciada pela grande imprensa com uma extraordinária violência. Em seguida porque, prisioneiro da aliança inglesa, o governo francês é tributário do governo conservador de Londres, preocupado antes de tudo com a salvaguarda dos interesses capitalistas na Espanha, de fato mais ameaçados pelos trabalhadores em armas do que pelos generais insurretos.

O governo francês optou por um pacto de “não-intervenção”. Contudo, se os governos burgueses temiam a revolução, os trabalhadores de todo o mundo se solidarizaram com a Espanha, como o mostra a organização das brigadas internacionais. Contudo, fosse pela força do

franquismo e seu apoio internacional, fosse pelas vacilações dos diferentes setores republicanos, as organizações dos trabalhadores foram derrotadas. Em 1939, terminou a guerra civil, com o General Franco estabelecendo uma ditadura que durou décadas.

### LORCA, A POLÍTICA E SUA OBRA

Lorca era um defensor da luta republicana. Em setembro de 1935, em entrevista para o jornal do POUM,

[...] o poeta manifestou sua aversão ao fascismo e falou de sua grande admiração pela Rússia, sua arte e sua luta em favor da uma sociedade mais humana. Repetiu, como vinha insistindo nos últimos dois anos, que o teatro tinha uma missão social, sendo seu verdadeiro objetivo o de “educar as massas” (GIBSON, 2014, p. 537-8).

No ano seguinte, Lorca manteve uma intensa atividade política. O poeta prontamente apoiou a Frente Popular, constituída em janeiro de 1936. Em fevereiro foi um dos elaboradores e signatários do manifesto “Os intelectuais e a Frente Popular”, no qual se “apelava para o bom senso dos eleitores e expressava a convicção dos signatários de que só por meio de um esforço unido de todas as forças progressistas da Europa poderia o país recuperar o dinamismo e idealismo dos primeiros anos da República” (GIBSON, 2014, p. 555). No Dia do Trabalhador divulgou uma breve mensagem em uma publicação comunista: “Saudações a todos os trabalhadores da Espanha, unidos neste Primeiro de Maio pelo desejo de uma sociedade mais justa e mais fraterna” (GIBSON, 2014, p. 561-2).

Esse posicionamento político de Lorca se demonstrava antes da guerra civil, se expressando em sua obra ainda na década de 1920. Em *Romanceiro gitano*, publicado ainda durante a ditadura de Primo de Rivera, o poeta expõe a violência contra os ciganos, como símbolo para tratar daqueles que tinham sua liberdade cerceada por valores sociais, chegando ao embate físico. Em um dos poemas, “Romance da Guarda Civil Espanhola”, diz o poeta:

No portal de Belém  
Os gitanos se congregam.  
São José, cheio de feridas,  
Amortalha uma donzela.  
Teimosos fuzis agudos  
a noite toda soam.  
A Virgem cura os meninos,  
com salivinha de estrela.  
Mas a Guarda Civil  
avança semeando figueiras,  
onde jovem e desnuda  
a imaginação se queima  
(LORCA, 2012, p. 395).

Em textos do livro *Poeta em Nova York*, o escritor se coloca solidário aos negros norte-americanos vítimas de racismo. Entre outros, pode-se destacar esta passagem do poema “Ode ao rei do Harlem”:

Ai, Harlem! Ai, Harlem! Ai, Harlem!  
Não há angústia comparável a teus olhos oprimidos,  
a teu sangue estremeado dentro do eclipse escuro,  
a tua violência rubra surda-muda na penumbra,  
a teu grande rei prisioneiro com um traje de porteiro!  
(LORCA, 2012, p. 427).

O poema expressa algumas das impressões que Lorca tinha acerca da sociedade. Datado de 5 de agosto de 1929, o poema foi escrito “pouco mais de um mês depois que Lorca chegou a Nova York, constituiu um ataque feroz aos valores materialistas da sociedade capitalista contemporânea e um apaixonado apelo em favor dos negros” (GIBSON, 2014, p. 337). O próprio Lorca comentou o poema, em leitura realizada em março de 1932, afirmando que os negros “exercem enorme influência na América do Norte” (LORCA, 2024, p. 210). Fazendo menção ao seu texto, afirma: “Eu queria fazer o poema da raça negra da América do Norte e sublinhar a dor dos negros por serem negros, em um mundo contrário” (LORCA, 2024, p. 211). Nesse poema,

Lorca prevê o dia em que os negros vão se insurgir contra seus opressores e a natureza reafirmará seus direitos à terra usurpada pela cidade, sentimos que ele não fala apenas da libertação dos negros, mas de todas as minorias oprimidas, inclusive a sua própria, a dos homossexuais (GIBSON, 2014, p. 338).

Os temas políticos e sociais também se expressam no teatro escrito por Lorca. Em algumas dessas obras, Lorca privilegia a mulher como eixo central. Em *Mariana Pineda*, cuja estreia ocorreu em junho de 1927, também na ditadura de Primo de Rivera, Lorca mostra uma protagonista que, não apenas anseia mudanças na sociedade, como vê essa luta afetar inclusive sua vida pessoal e mesmo amorosa. Essa peça gira em torno da personagem Mariana Pineda, uma jovem mulher de Granada, nascida no começo do século XIX, que foi condenada à morte após ser encontrada em sua casa uma bandeira de apoio aos subversivos. Na obra de Lorca, que parte de uma figura histórica real,

[...] desde a primeira cena da peça, ficamos sabendo que, ao assumir o risco de bordar uma bandeira liberal (ato altamente perigoso naquelas circunstâncias), ela o fez para agradar ao homem de sua vida. Mariana está ciente de que somente com a queda do odioso regime de Fernando VII e a volta à democracia poderá viver ao lado de Pedro (GIBSON, 2014, p. 196).

Na obra se expressam algumas posições de Lorca políticas acerca do contexto em que vivia. Pedro afirma, em certo momento:

Não é hora de pensar em quimeras, é hora  
de abrir o peito às realidades belas e próximas  
de uma Espanha coberta de espigas e rebanhos,  
onde se possa comer o pão com alegria,  
em meio a estas vastas eternidades nossas,  
e esta aguda paixão por horizonte e silêncio  
(LORCA, 1975, p. 123).

Mariana também se posiciona politicamente, afirmando, entre outras coisas:

Bordei a bandeira com minhas mãos;  
com minhas próprias mãos: olhe-as, Pedrosa!  
E conheço cavaleiros bem nobres  
que pretendiam içá-la em Granada.  
Mas não direi seus nomes!  
(LORCA, 1975, p. 139).

Nessa passagem faz-se menção a um fato, comumente lembrado, de que Mariana não entregou o nome daqueles que conspiravam contra a repressão. Esse fato é lembrado logo nos primeiros versos da peça:

Oh, que dia tão triste em Granada  
que até às pedras fazia chorar  
ao ver Marianita morrendo  
num cadafalso, por não delatar!  
(LORCA, 1975, p. 89).

Contudo, ao mesmo tempo que exalta a figura simbólica de Mariana, a peça não deixa de apontar para os limites políticos daquela luta. Fernando, personagem da peça, comenta se referindo a Pedro:

Deve estar na Inglaterra, com outros liberais.  
Te abandonaram todos os teus amigos de antes.  
Somente este meu jovem coração te acompanha  
(LORCA, 1975, p. 156)

Mariana, decepcionada com Pedro, responde: “Sim, eu bem que sabia; apenas jamais quis dizê-lo à minha esperança” (LORCA, 1975, p. 156). Evidencia-se, assim, a desconfiança da protagonista (e do próprio Lorca) em relação aos “grupos liberais”. Pedro é apresentado como um “frouxo líder das forças liberais” que “mostra-se homem de muita bravata e pouca ação” (GIBSON, 2014, p. 197). Embora se refira a outro contexto, um século antes, o contexto de escrita da peça mostra igualmente os limites políticos daqueles que assumiam a direção na luta contra a ditadura de Primo de Rivera e que depois iriam cada vez mais ceder às pressões dos franquistas na década seguinte.

Outra obra dramática de Lorca cujo texto está relacionado com a situação histórica e política da Espanha é *A Casa de Bernarda Alba*, última peça escrita por Lorca. Após a morte do marido, Bernarda Alba assume de forma autoritária o comando da casa e o destino de seus moradores. Bernarda, de personalidade repressora, apresenta-se como um general, e faz de sua casa uma prisão na qual mantém

suas cinco filhas solteiras e sua mãe. Segundo Gibson (2014, p. 566), “não terá sido por acaso que Lorca escreveu uma peça tendo por tema o despotismo, numa época em que qualquer um com um mínimo de senso enxergava a possibilidade muito definida de um golpe de direita na Espanha”. Lorca, nesta peça, “ênfatiza o ambiente em que a tirania existe e age”, procurando falar “sobre a Espanha intolerante, sempre pronta a esmagar os impulsos vitais do povo, aqui representando pelas filhas de Bernarda e, também, pelas criadas” (GIBSON, 2014, p. 566-7).

Bernarda cria um sistema no qual os valores individuais são substituídos por rígidas regras, incompatíveis com as vontades das outras pessoas, mostrando um comportamento extremamente opressor. Em dado momento da peça, Bernarda humilha uma criada, falando: “Os pobres são como animais; parece que foram feitos de outra substância” (LORCA, 2000, p. 19). Sua brutalidade também afeta as filhas, ao que Bernarda afirma: “Aqui se faz o que eu mando. Não podem mais contar para o pai de vocês. Linha e agulha para as fêmeas. Chicote e mula para o varão. Isso cabe a quem nasce com posses” (LORCA, 2000, p. 25).

Temas importantes presentes na peça, como repressão, castigo, sexualidade reprimida, autoridade e desobediência, fazem de *A casa de Bernarda Alba* um importante exemplo da arte crítica de García Lorca. O manuscrito dessa peça foi finalizado em 19 de junho de 1936, ou seja, dois meses antes da possível data da morte do poeta. García Lorca não chegou a ver a primeira encenação da peça.

## O ASSASSINATO DE LORCA

Lorca foi brutalmente assassinado, na região de Granada, possivelmente no dia 19 de agosto de 1936. O poeta foi retirado à força da casa de amigos, no dia 16 de agosto, e depois detido e fuzilado. Lorca foi entregue à polícia por um deputado franquista, Ruiz Alonso, segundo o qual o poeta “havia feito mais estragos com sua pena do que outros com suas armas” (GIBSON, 2014, p. 592). Essa percepção da importância do papel cumprido pelo poeta foi expressa também por Buñuel: “Federico morreu porque era poeta. Nessa época, do outro lado, ouvia-se gritar: ‘Morte à inteligência!’” (BUÑUEL, 2013, p. 114).

Lorca se transformou em um símbolo de luta republicana. A causa da morte e o corpo nunca encontrado são assuntos que ainda reviram o passado sombrio da Espanha. Gibson afirma: “Nenhum documento inteiramente fidedigno sobre os últimos momentos de Lorca chegou até nós” (GIBSON, 2014, p. 605). O registro da morte de Lorca foi efetuado no Registro Civil espanhol apenas depois do final da guerra civil, informando que teria morrido “no mês de agosto de 1936 em consequência de ferimentos de guerra” (GIBSON, 2014, p. 607). Contudo, apesar do eufemismo expresso em documentos oficiais, sabe-se desde o seu desaparecimento que Lorca foi vítima da perseguição da direita franquista, ainda que não seja possível precisar a data e as condições em que isso ocorreu.

O problema dos desaparecidos não se limita ao corpo de Lorca. Muitos dos restos mortais de vítimas do franquismo não foram encontrados até hoje. Sabe-se que

[...] até o dia em que Lorca foi fuzilado, duzentos e oitenta pessoas já haviam sido mortas no cemitério. Os registros de sepultamento dão para os três anos de guerra um total de duas mil. O número verdadeiro sem dúvida deve ter sido muito maior. Isso sem levar em conta as muitas centenas de assassinatos menos ‘oficiais’ levados a efeito nas aldeias (GIBSON, 2014, p. 606).

Os franquistas venceram a guerra civil e, ao derrotar a revolução, levaram a uma ditadura que durou durante décadas na Espanha. Em seu tempo, antes de seu assassinato, Federico García Lorca escreveu poemas e peças teatrais de grande sucesso, deixando em sua obra o legado de uma verdadeira paixão pela liberdade e pela igualdade. Dessa maneira, sua obra expressa os dilemas, preocupações e mesmo sonhos das pessoas que foram afetadas por ditaduras e guerras e tiveram que se colocar no sentido de lutar para sobreviver.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROUÉ, Pierre. **A Revolução Espanhola (1931-1939)**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BUÑUEL, Luis. **Meu último suspiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GIBSON, Ian. **Frederico García Lorca: a biografia**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2014.

GRAHAM, Helen. **Guerra civil Espanhola**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

LORCA, Federico García. **A casa de Bernarda Alba**. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

LORCA, Federico García. **Obra poética completa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LORCA, Federico García. **A prosa do poeta**. São Paulo: Madamu, 2024.

LORCA, Federico García. **Teatro I**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1975.

MONPÓ MARTINEZ, Eric. Trotsky e a guerra civil espanhola. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Trotsky hoje**. São Paulo: Ensaio, 1994.

NUNES, Ederson. Os sonetos e os amores obscuros. In: LORCA, Federico García Lorca. **Sonetos de amor obscuro**. Porto Alegre: Isto Edições, 2022.

REY, David. A revolução espanhola e a guerra civil. **Revista América Socialista**, N° 09, 2016.